

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A pedagogia do oprimido na educação contemporânea: fundamentos para o protagonismo juvenil

Anays Pereira Brito, Doriele Andrade Duvernoy

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.17290>

Submetido em: 2026-08-04

Postado em: 2026-10-26 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o(s) endosso(s) de:

- Volmir José Brutscher (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5448-0941>)

ARTIGO

A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: FUNDAMENTOS PARA O PROTAGONISMO JUVENIL

ANAYS PEREIRA BRITO¹

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-1026-6726>

[<anays.pbrito@upe.br>](mailto:anays.pbrito@upe.br)

DORIELE ANDRADE DUVERNOY²

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6984-4012>

[<doriele.andrade@upe.br>](mailto:doriele.andrade@upe.br)

¹ Universidade de Pernambuco. Recife, Pernambuco (PE), Brasil.

² Universidade de Pernambuco. Recife, Pernambuco (PE), Brasil.

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo analisar a influência da obra “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 2021b) como fundamento de abordagens contemporâneas da Educação. Para isso, através da metodologia de natureza qualitativa, com base na fundamentação da obra “Pedagogia do Oprimido”, foi possível verificar uma educação emancipatória que prioriza a libertação do(a) sujeito(a) oprimido(a) por meio de ações de consciência crítica e de transformação social. Fazendo-se presente em discussões da educação na atualidade, a obra em estudo torna-se aporte nas expressões de luta e reflexão no que se diz respeito a afirmação de práticas constituídas na participação crítica e autônoma ao longo do processo de aprendizagem. Nessa relação de práticas educativas inseridas em contextos sociais de forma atuante e reflexiva, o protagonismo juvenil, por sua vez, se ancora na capacidade de centralizar a ação educativa no(a) sujeito(a) que se torna participante ativo(a) das situações decisórias de transformação social. Perceber a influência das concepções de Freire (2021b), em contextos que emergem nos dias atuais, nos convida a aprofundar a análise de que a “Pedagogia do Oprimido” já descrevia a atuação do(a) sujeito(a) na educação na mesma intencionalidade que sustenta o protagonismo juvenil.

Palavras-chave: educação bancária, educação como prática da liberdade, protagonismo juvenil.

THE PEDAGOGY OF THE OPPRESSED IN CONTEMPORARY EDUCATION: BASICS FOR YOUTH LEADERSHIP

ABSTRACT: This paper aims to analyze the influence of the work “Pedagogy of the Oppressed” (Freire, 2021b) as a foundation for contemporary approaches to education. For this, through a qualitative methodology, based on the foundation of the work “Pedagogy of the Oppressed,” it was possible to observe an emancipatory education that prioritizes the liberation of the oppressed subject through actions of critical consciousness and social transformation. Present in current education discussions, the work under study becomes a support for expressions of struggle and reflection regarding the affirmation of practices built through critical and autonomous participation throughout the learning process. In this relationship of educational practices embedded in social contexts in an active and reflective way, youth protagonism, in turn, is anchored in the ability to focus educational action on the individual who becomes an active participant in decision-making situations for social transformation. Recognizing the influence of Freire's ideas (2021b) in contexts that emerge today invites us to deepen the analysis that the 'Pedagogy of the Oppressed' already described the individual's role in education with the same intentionality that supports youth protagonism.

KeyWords: banking education, education as a practice of freedom, youth protagonism.

LA PEDAGOGÍA DEL OPRIMIDO EN LA EDUCACIÓN CONTEMPORÁNEA: FUNDAMENTOS PARA EL PROTAGONISMO JUVENIL

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo analizar la influencia de la obra “Pedagogía del oprimido” (Freire, 2021b) como fundamento de enfoques contemporáneos de la Educación. Para ello, a través de una metodología de naturaleza cualitativa, basada en la fundamentación de la obra “Pedagogía del oprimido”, fue posible observar una educación emancipadora que prioriza la liberación del(los) sujeto(s) oprimido(s) mediante acciones de conciencia crítica y de transformación social. Presente en las discusiones educativas actuales, la obra estudiada se convierte en un respaldo en las expresiones de lucha y reflexión en lo que respecta a la afirmación de prácticas constituidas en la participación crítica y autónoma a lo largo del proceso de aprendizaje. En esta relación de prácticas educativas insertadas en contextos sociales de forma activa y reflexiva, el protagonismo juvenil, a su vez, se ancla en la capacidad de centrar la acción educativa en el/la sujeto/a que se convierte en participante activo/a de las situaciones decisorias de transformación social. Percibir la influencia de las concepciones de Freire (2021b), en contextos que surgen en la actualidad, nos invita a profundizar el análisis de que la “Pedagogía del Oprimido” ya describía la actuación del/la sujeto/a en la educación con la misma intencionalidad que sostiene el protagonismo juvenil.

Palabras clave: educación bancaria, educación como práctica de la libertad, protagonismo juvenil.

INTRODUÇÃO

Com o propósito de refletir sobre a Educação pela ótica de uma ferramenta permanente de atuação social, teremos como fundamento para esse diálogo, as importantes contribuições da obra “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 2021b).

Considerado o patrono da Educação brasileira, Freire (2021a; 2021b), em sua obra, faz referência a um modelo de educação que legitima a dominação a favor da opressão. Definida como Educação bancária, se fortalece nas ações educativas as quais simbolizam o ato de “depositar” o conhecimento estabelecido por interesses de classe e poder.

Opondo-se a essa estrutura de educação verticalizada e culturalmente predominada, Freire (2021a; 2021b) formulou uma Educação emancipatória, que prioriza a libertação do(a) sujeito(a) oprimido(a), por meio de ações de consciência crítica e de transformação social. Para tal, estabeleceu-se a relação dialógica como ponto de partida na busca pela libertação através da Educação.

[...]Dizer a palavra não é um privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isso, ninguém pode dizer que a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais (Freire, 2021b, p. 109).

Dessa forma, a obra refere-se a uma concepção de educação que parte da democratização dos saberes através de uma ação consciente e libertadora do oprimido, antes visto como parte oculta do processo, cabendo-o apenas o papel de receptor do conhecimento que legitima o sistema de opressão.

Essa alternativa de uma Educação libertadora apresentada na obra consolida-se numa perspectiva de ressignificar o modelo de Educação que se direciona a práticas educativas como

instrumento de impacto social. Suas implicações acarretam reflexões significativas ao longo da historicidade pela busca e reflexão de uma educação efetivamente libertadora.

Fazendo-se presente em discussões da Educação na atualidade, a obra “Pedagogia do Oprimido” (Freire, 2021b) torna-se aporte nas expressões de luta e reflexão no que se diz respeito a afirmação de práticas constituídas na participação crítica e autônoma ao longo do processo de aprendizagem.

Nessa relação de práticas educativas inseridas em contextos sociais de forma atuante e reflexiva, elencaremos em diante o que estruturalmente definiu-se como protagonismo juvenil, que, por sua vez, ancora-se na capacidade de centralizar a ação educativa no(a) sujeito(a) que se torna participante ativo(a) das situações decisórias de transformação social. Essa autonomia, ao longo de seu processo formativo, amplia-se para o desenvolvimento individual e coletivo, reafirmando a educação como uma esfera de construção social e histórica. Segundo Boghossian e Minayo (2009, p. 416), “o protagonismo pressupõe a criação de espaços de escuta e participação dos jovens em situações reais na escola, na comunidade e na vida social, tendo em vista tanto a transformação social como a formação integral”.

Dessa forma, o estudo será norteado pelos princípios que assemelham as concepções citadas, fortalecendo a reflexão acerca da importância da promoção de ações protagonistas e libertadoras. Para isto, obtemos como objetivos: **Analisar** a obra “Pedagogia do Oprimido” no que corresponde a uma Educação bancária e ao anúncio de uma Educação como prática de liberdade; **Descrever** a concepção do Protagonismo juvenil enquanto proposta educativa; e **Estabelecer** a relação entre as concepções apresentadas e suas contribuições históricas para a Educação.

No que se refere ao percurso metodológico, o presente artigo, de abordagem qualitativa e de cunho bibliográfico, propõe-se, fundamentalmente, a uma análise por meio dos pressupostos a obra “Pedagogia do Oprimido”, assim como a análise de contribuições de produções bibliográficas a respeito das demais concepções que pretende se aprofundar.

Por fim, tornou-se evidente a influência da obra “Pedagogia do Oprimido” na história da Educação. Ao elucidar questionamentos que caracterizam a Educação da atualidade, a ideia destacada por Freire (2021b), em sua obra, já enfatizava a fundamental importância das ações de protagonismo na busca por uma educação crítica de libertação. Contudo, suas definições foram escritas para atender um determinado contexto histórico, o que nos revela a possível participação de Paulo Freire na definição e nas reflexões que correspondem ao protagonismo juvenil nos dias atuais.

METODOLOGIA

De acordo com o percurso metodológico, a pesquisa implica-se numa abordagem qualitativa, a qual Minayo (2003, p. 22), descreve como a abordagem que “aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas[...]”. Optando por uma análise bibliográfica, o artigo tem como enfoque investigar as narrativas desenvolvidas através das concepções de Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (2021) e suas implicações no fundamento de uma abordagem contemporânea da Educação.

Ressaltamos como base para nortear o estudo sobre Educação emancipatória, os referidos autores: Brandão (2003); Carvalho (2021); Dias (2023); Farias (2023); Freire (2019); Freire (2021a); Freire (2021b); Leite (2019); Rossato (2010); e Saviani (2007). No que fundamenta o diálogo a respeito do Protagonismo Juvenil, destacamos as contribuições dos autores: Almeida (2017); Boghossian e Minayo (2009); Costa (2000); Costa (2001a); Costa (2001b); e Costa (2002).

De posse dos caminhos metodológicos, a pesquisa traça como objetivos: **Analisar** a obra “Pedagogia do Oprimido” no que corresponde a uma Educação bancária e ao anúncio de uma Educação como prática de liberdade; **Descrever** a concepção do Protagonismo juvenil enquanto proposta educativa; e **Estabelecer** a relação entre as concepções apresentadas e suas contribuições históricas para a Educação.

Para posterior análise e discussão dos dados referentes a proposta do artigo, seguem as seções de Resultados e Discussão..

RESULTADOS

Ao partir da análise que sintetiza o conceito da Educação bancária, trataremos em sua simbologia a perspectiva de uma proposta que se configura numa relação de transmissão vertical do conhecimento, de uma maneira hierarquizada reproduzida no contexto escolar.

Para melhor compreender os componentes que fomentam as indagações acerca do texto, evidenciaremos a obra “Pedagogia do Oprimido”, escrita pelo autor Paulo Freire (1921-1997), a qual constituiu uma grande influência a respeito das reflexões para uma educação problematizadora e emancipatória. A obra se constrói diante da ótica de libertação dos oprimidos, através do aporte dos próprios oprimidos. Assim, delinearemos aspectos epistemológicos e pedagógicos desse cenário, refletidos em múltiplas vertentes por sua obra.

Proeminente pela busca de um ideário pedagógico, o patrono da educação traz em Pedagogia do Oprimido a busca necessária por uma adequação pedagógica, [...] uma pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto da reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (Freire, 2021b, p. 43).

Em breve síntese, a obra “Pedagogia do Oprimido” emerge na busca pela superação da opressão. Partindo de uma questão histórica de dominação, Freire (2021a, p. 96) descreve que “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo. Intervenção que, além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos, implica tanto o esforço de reprodução da ideologia dominante quanto o seu desmascaramento”. Isso implica reconhecer a educação como contexto de busca por uma prática libertadora, o que contribui para o aprofundamento do diálogo e da relação com o mundo no que se refere a uma perspectiva que advém de uma Educação contrária ao que consiste na proposta descrita pelo autor.

A pesquisa se debruçará, portanto, na concepção bancária de Educação, intitulada por Freire (2021a; 2021b), na alusão a um modelo tradicional de ensino que de maneira mecanicista, que assume permanentemente o papel de disciplinar os(as) educandos(as) de tal modo que, coloquem-se passivamente a serviço da opressão. Cabendo ao(a) educador(a) a prática de depósito como forma de dominação.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí uma concepção bancária de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los (Freire, 2021b, p. 80).

Nesse sentido, a prática da dominação como ação educativa configura-se como um espaço verticalizado de aprendizagem, favorável à aplicação de ideais que prevalecem um discurso de poder. “[...] Não temo dizer que inexistirá validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi aprendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz” (Freire, 2021a, p. 26).

Diante disso, atrela-se à Educação bancária, a reverberação da identidade histórica que marca a Educação e seus processos de reprodução. Essas ações repercutidas em contextos educativos detêm a aprendizagem, enxergando-a como parte da transferência de conteúdo, inserindo-se no mero ato de depositar um caminho de ideologia da opressão.

Em decorrência disso, atribui-se ao(a) educando(a) o único dever de receber o conteúdo como uma espécie de depósito educativo, guardando as informações de modo apenas a armazená-lo. Anulando o potencial de pensamento crítico ao longo da jornada educativa, a Educação bancária, em sua concepção, elenca de forma paralela os sujeitos envolvidos nesse contexto compreendendo, então, que “o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais ouvidos nesta escolha, se acomodam a ele” (Freire, 2021b, p. 82).

Para além de um enquadramento bancário na concepção educativa e da limitação de ações adequativas com ênfase na obtenção dos interesses históricos e culturais como estratégia de instrumentalização do saber, revela-se um modelo descontextualizado de Educação, elegendo o ato de rebuscar o pensar como condição formativa. Assim, “o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (Freire, 2021b, p. 81).

Após mencionar-se características de dominação que leva-nos a um estreitamento do discurso acerca de uma Educação opressora, remete-se a reflexão de que “[...] o problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. [...] A pedagogia do oprimido não se pode ser elaborada pelos opressores[...].” (Freire, 2021b, p. 43).

Parte-se, dessa forma, de um percurso educativo que permanentemente fortalece as ferramentas institucionalizadas de dominação, com o intuito de estabelecer de maneira linear ações de reprodução instaurada no modelo de Educação supracitada. Freire (2021b, p. 72) compreende que “[...] pretender a libertação deles sem a sua reflexão no ato desta libertação é transformá-los em objeto que se devesse salvar de um incêndio. É fazê-los cair no engodo populista e transformá-los em massa de manobra”.

Na Educação bancária, uma composição ideologicamente determinista, o educador incumbe-se da função de representar o princípio do saber. Nessa atribuição, a sua atuação se mantém efetiva, como condição única e necessária para a instrumentação do conhecimento, extinguindo a possibilidade do(a) educando(a) influir no ato de busca pela educação.

Nesse arranjo, a junção dos sujeitos se estabelece numa relação verticalizada de aprendizagem, a qual pode ser descrita como fragmentada uma vez que a seu processo se dá por meio da intencionalidade daquele que a deposita, que de forma descentralizada estrutura o conhecimento a disposição do contexto que o estrutura.

Instaura-se, desse modo, o antidiálogo como um direcionamento pedagógico comum a Educação bancária, em virtude de sua prática educativa organizada como ação determinante. A sua não

neutralidade no processo educativo concentra inferências satisfatórias do ponto de vista do conhecimento sistematizado pelo modelo bancário regido pela Educação.

Sendo este um mecanismo eficaz de reprodução da educação bancária, o anti-diálogo se aplica ao conhecimento de forma isolada e independente da realidade quem se é afetado. Cujo requisito induz o(a) educador(a) a realizar práticas sustentadas em uma lógica ou ordem.

Para o “educador-bancário”, na sua antidialógica, a pergunta, obviamente, não é a propósito do conteúdo dialógico, que para ele não existe, mas a respeito do programa sobre o qual dissertará seus alunos, e a esta pergunta responderá ele mesmo, organizando seu programa (Freire, 2021b, p. 116).

Da referida composição, propõe-se ao(a) educando(a), a acomodação permanente de obter o que as ferramentas ofertadas pelo modelo de Educação prevalecente em função do lhe é imposto, anulando capacidade de autonomia e reflexão.

Essas características presentes no modelo de Educação bancária projetado na escola certamente tem o propósito de contribuir para prevalecer uma estrutura regulatória, em que o ensino é carregado de dicotomia, que domina o que será ofertado enquanto conteúdo e sistematização de conhecimento. Com relação a esses conteúdos na Educação bancária, Freire (2021b, p. 79) descreve “conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e, em cuja visão ganhariam significação”.

Em uma sociedade marcada pela opressão, trata-se de uma Educação imposta, centralizada em suas ações inerentes a predominância de um contexto de disputa, que, em desacordo com uma projeção no discurso de educação formativa, produz e valida situações de efeito de poder, apenas em agrupamentos sociais específicos.

Em face disso, decorre um modelo de Educação que adentra a historicidade na reprodução de uma estrutura de ensino como referência de uma ideologia educacional consolidada que influencia o desenvolvimento da sociedade. O predomínio desse modelo vem percorrendo a atualidade como caráter de um processo educativo.

Discorre-se, então, sobre os impactos do ponto de vista histórico e cultural gerados pela ótica dominante de grupos sociais na Educação, buscando compreender a permanência da influência na trajetória educativa e o papel que a educação assume na mudança de geração, e, sobretudo, a necessidade de reflexão sobre a sua principal atuação em função da transformação emancipatória emergente na história da Educação.

A escola como um fator de subserviência: marcas de uma Educação colonial

Ao considerar os momentos históricos no campo da Educação, a pesquisa é remetida à estruturação das ações pedagógicas e os diferentes contextos em que são desenvolvidas. E, nesse sentido, entende-se a continuidade de uma Educação em função de interesses vinculados a serviço de órgãos ou classes de poder.

Marcada por períodos de disputas e situações de conflitos, a Educação, como instrumento de dominação, perpassa por cenários diversos contemplados por lutas religiosas, agrupamentos culturais, revoluções e ações voltadas ao desenvolvimento e a produção de capital, em função de uma ideologia afirmativa das implicações geradas pela Educação.

Dessa forma, a Educação vai se compondo a atender estreitamente elementos de valia de camadas sociais, ao mesmo tempo que busca universalizar o seu exercício a amparar a todos da sociedade. “Assim, paradoxalmente, ao mesmo tempo em que a escola é aberta e oferecida a todos, ela também cumpre um papel de homogeneizar e padronizar conhecimentos, valores, culturas, economias e espaços” (Leite, 2019, p. 8).

Conforme mencionado, a Educação como um aspecto relevante de acesso e instrumentalização da sociedade, direciona a sua ação à escola, que, por sua vez, é configurada como um elemento de controle da execução de prática educativas que vão ao encontro do propósito de uma instrução subordinada a ditames dominantes.

O processo educativo reafirma o contorno de dominação ao centralizar, na institucionalização da Educação, um padrão de sistema a ser reproduzido como um fator de alcance de grupos suscetíveis ao enquadramento educacional proposto pelo modelo escolar historicamente dominador.

Estabeleceu-se daí como característica fundante da escola o papel de concentrar os conhecimentos compreendidos como fundamentais na perpetuação de um modelo estabelecido, o qual utilizou-se como eixo articulador na garantia de interesses dominantes e suas implicações de imposição cultural revelados na história da Educação.

Na contramão de um discurso da Educação institucionalizada como um espaço coletivo capaz de abarcar diferentes grupos e contextos diversificados, enfatiza-se a preeminência da negação de culturas e saberes desses povos, sob a perspectiva de uma vertente ideológica de um saber dominante inicialmente marcado pela influência religiosa.

Designa-se a Educação escolarizada a função de evidenciar a dominação instaurada através da sistematização de conhecimentos ofertados como modo de projeção de interesses com o fortalecimento de classes dominantes. Acerca disso, Carvalho (2021, p. 40) reafirma:

E assim, ao nível da escola, se explica a exclusão dos atores educativos de participar na elaboração das decisões políticas que os mantêm distanciados dos centros decisórios, conduzindo ao conformismo, à ausência de sentido crítico, à ausência de vontade de intervir visível em atitudes que só deixam lugar à repetição do que está prescrito e dado como certo, instaurando-se como meio eficaz para moldar sujeitos à medida de ideologia dominante.

Alicerçada na ideologia de poder, o trajeto de identidade escolar na historicidade da Educação foi consolidando-se na existência de fenômenos de dominação e de papéis intransferíveis ao longo do processo de escolarização. Negando, dessa forma, a coexistência e a ação participativa dos(as) sujeitos(as) imersos a esse contexto.

A educação, de modo geral, incorpora, ao longo do tempo, a padronização de um modelo que legitima um ensino como operacionalização do poder, que ajustou-se às necessidades históricas e características dos grupos aos quais dirigiam as ações educativas da época, tendo em conta a subordinação como requisito imperante na história da Educação.

As organizações educativas emolduraram-se a desempenhar processos de produção do conhecimento privilegiando práticas e discursos que colocam o saber como ferramenta de dominância. Esses conhecimentos vigentes nos diversos períodos históricos constituem a formação institucionalizada e de maneira fragmentária dos(as) sujeitos(as), que, nesse caso, vincula o ato do pensar a intencionalidade do que se é imposto por meio de mecanismos educativos.

Subordinada a uma lógica de Educação verticalmente estabelecida, a institucionalização da escola esteve sustentada em diferentes seguimentos de poder. Tais contribuíram para os recortes históricos que nos permitiram distinguir as camadas sociais e os agrupamentos estritamente envolvidos no contexto educativo, e suas diversas formas de acesso.

No que se refere às diferentes temporalidades, a escola enquanto espaço direcionado para o fazer educativo, carrega como atributo a estagnação social por meio de uma ação opressora. Essa compreensão histórica consiste em métodos educacionais refletidos na educação vivenciada na atualidade. Para Saviani (2007, p. 156), “desde a antiguidade a escola foi depurando-se, complexificando-se, alargando-se, até atingir na contemporaneidade, a condição de forma principal e dominante de educação, convertendo-se em parâmetro e referência para aferir todas as demais formas de educação”.

É nessa perspetiva de função linear da Educação que surge a necessidade de apontar as implicações históricas de um sistema que apresenta a recorrência da utilização de práticas reprodutivas que tendem a sintetizar o acesso ao saber concebido como instrumentos conceituais a serviço de interesses dominantes, que retomaremos alguns preceitos que sustentam a obra a qual inicialmente compilamos o diálogo.

A obra assinalada por Freire (2021b) em “Pedagogia do Oprimido”, propositalmente reflete uma pedagogia opressora cuja finalidade de imputar sobre os sujeitos oprimidos à condição acrítica de narrar o conhecimento que lhe é retalhado, numa perspectiva descontextualizada e dominante. Essa percepção convoca-nos a pensar “a Pedagogia do Oprimido: aquela que tem de ser forjada com ele e não para ele, enquanto homens ou povos, na luta incessante de recuperação de sua humanidade” (Freire, 2021b, p. 43).

Emerge, a partir das intenções elencadas na obra, a efervecente mudança da educação, com a tentativa de dismistificar a reprodução de práticas fragmentadas inseridas em modelo de Educação proporcionador do distanciamento da realidade social dos(as) sujeitos(as) envolvidos(as). Nesse desejo, Beisiegel (2010, p. 83) entende que essa obra se constrói “[n]uma fase de inquietações intelectuais, de muito estudo e de intensa procura de novas e talvez mais abrangentes explicações para os desafios que encontrar na prática educativa”.

Para considerar uma Educação capaz de contrapor uma realidade educativa de interesses de poder e opressão, trataremos a Educação como uma ferramenta social, capaz de evidenciar a pluralidade e desigualdade existente por essa ótica.

Da opressão ao anúncio de um caminho para uma Educação libertadora

Ao acentuar a obra “Pedagogia do Oprimido”, reafirma-se a necessidade de compreender a Educação como importante marco histórico na sociedade e os reflexos carregados ao longo de sua incubência como instrumento ideológico de poder.

A partir do cenário de uma Educação reprodutiva e referida aos interesses das classes de dominação, revelaremos a subversão às ações típicas de uma Educação opressora e seu distanciamento crítico evidenciado no modelo imposto pelos sistemas de educação. Dessa maneira, “opõe-se às ideias de alienação e domesticação, gerando um processo de atuação consciente que conduza a um discurso sobre a realidade para modificar esta mesma realidade” (Rossato, 2010, p. 325).

O ponto de vista relatado na obra, o qual será elocado, descreve a emergência de uma transformação como alternativa de libertação. Essa prática da liberdade entendida por Freire como processo de humanização carrega em sua busca a tomada de consciência que conduz o(a) sujeito(a) a uma ação de superação.

E esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, apressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos. E aí está a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos-libertar-se a si e aos opressores (Freire, 2021b, p. 41).

Essa nova percepção de Educação possibilita, sobretudo, uma participação ativa por parte de todos(as) implicados nesse processo. Nessa organização de pensamento educacional, o(a) educando(a) antes visto como uma espécie de armazenamento do conhecimento, por sua vez, atende aos saberes de forma reflexiva e transformadora a partir de suas experiências. Brandão (2003, p. 3) afirma que “[...] ninguém pode fugir da educação[...]. Portanto, impactado(a) por uma educação libertadora, o(a) oprimido(a) deverá desempenhar um papel de autonomia para a sua libertação”.

Por essa razão, é necessário compreender que “[...]é com uma pedagogia engajada, horizontal, libertadora e crítica que se pode reverter a situação da supremacia de grupos historicamente favorecidos” (Dias, 2023, p. 35). Desse modo, a Educação passa a tratar de forma ampla os diferentes grupos sociais, constituindo o diálogo como base do processo educativo.

Numa vertente dialógica da Educação e de valorização identitária, é defendida o processo de aprendizagem como composição do saber reflexivo, em que, através do acesso às determinadas esferas sociais, coloca criticamente os elementos socio-culturais como produção de conhecimento e de ações emancipatórias.

Se faz indispensável concentrar no fazer educativo a capacidade geradora de conscientização de si, dos saberes escolarizados e da inter-relação com os saberes inseridos nos sistemas de sociedade. Acerca dessa articulação, a Educação corrobora para a interpretação da realidade, oculta nas ações de opressão.

Com uma Educação favorável à emancipação dos(as) sujeitos(os) tidos como oprimidos(as), os conhecimentos plurais conduz uma estrutura de Educação horizontal, que consiste em práticas pedagógicas estabelecidas pelo diálogo, o qual considera no processo de aprendizagem a construção de saberes e disseminação de ideias libertadoras para a transformação de classes. Para Fuchs (2019, p. 19), “[...] em todos os espaços e tempos históricos a educação tem desempenhado um papel importante para a formação de pessoas e desenvolvimento de estruturas sociais que organizam a vida e os modos de produção e sentido de existência”.

As mudanças de paradigmas elencadas na obra “Pedagogia do Oprimido” transcendem a ideia inicialmente descrita a respeito da Educação escolarizada como espaço concreto de reprodução do conhecimento. No entanto, pensar a escola, a partir de uma visão libertadora, refere-se a constituir a escola como espaço de democratização dos saberes, um espaço múltiplo e diversificado que valoriza ações externas como componentes de aprendizagens sociais, na maioria das vezes, anuladas e subjugadas. A pedagogia surge por acessar o oprimido enquanto sujeito, como uma forma de denunciar as opressões e práticas de exclusão social que marcam a história da educação (Farias, 2023).

A relevância do pensamento de Freire(2021a; 2021b), ao buscar refletir a necessidade de uma Educação como prática da liberdade nos convoca a tecer passos em direção à atualidade. A procura por uma educação crítica e contextualizada continua configurando-se como um desafio contemporâneo. Visto a existência histórica da necessidade de uma mudança efetiva e de um pensamento libertador na esfera educativa, tomaremos o ensino para um recorte dos dias atuais.

No desejo de enunciar a busca por uma educação significativa que compreenda o(a) sujeito(a) de uma forma integral e ativa, constituiremos o diálogo acerca do qual lugar de afirmação a Educação assume e quais concepções de atuação emancipatórias presentes na sociedade contemporânea.

Educação como princípio democrático: Um olhar para o Protagonismo Juvenil

A Educação como aspecto inerente à sociedade permeia as diferentes realidades sociais como via de acesso para uma atuação dos(as) sujeitos(as) e das organizações coletivas. Em decorrência às influências de diferentes saberes e da complexidade das relações, a Educação ressalta-se por meio da sua efetivação no delineamento da historicidade humana.

A formação não deve se comprometer estritamente com a racionalidade, apresentando caráter instrumental[...]. Deve sim considerar o conhecimento universal e ético voltado para a formação do Homem e a constituição da cultura de defesa, de construção e de fortalecimento da democracia e dos direitos humanos (Almeida, 2017, p. 239).

Referindo-se à educação como formação humana e um direito constituído para todos, concebe-se, ao longo de seu processo de democratização, ações que reverberam autonomia, criticidade e interpretação da realidade, propiciando aos(as) sujeitos(as) a condição de atuação e modificação social.

De um contexto em que a Educação é gerada como prática social, suas ações são estruturadas de modo que se aproxime dos envolvidos no processo de formação educativa, compondo práticas geradoras de atuação cidadã e de impactos na transformação social. Nessa perspectiva, Costa (2001a, p. 6) afirma que “os jovens estão à procura de elementos e experiências que ajudem a encontrar sentido da própria existência”. Para isso, abordar a Educação a partir do que se é real permite uma possibilidade de uma atuação potente e ativa.

Pensar a Educação a serviço da transformação social, nos direciona a refletir a práticas e concepções educativas que se efetivem mediante a participação dos(as) sujeitos(as), a dialogicidade e a articulação de saberes, vislumbrando a ampliação da cidadania.

Na reestruturação de estratégias educativas, ressaltaremos o Protagonismo Juvenil como discussão atual, no intuito de fortalecer a busca por uma Educação como elemento transformador.

O Protagonismo juvenil como instrumento da Educação simboliza um modo de evidenciar a urgente necessidade de ressignificar o fazer educativo onde também insere-se a escola. Isso posto, elencaremos características inerentes à concepção do Protagonismo Juvenil no sentido de direcionar suas contribuições que fomentam as transformações sociais.

O termo Protagonismo Juvenil, enquanto modalidade de ação educativa é a criação de espaços e condições capazes de possibilitar aos jovens envolverem-se em atividades direcionadas à solução de problemas reais, atuando como fonte de iniciativa, liberdade, e compromisso. [...] O cerne do protagonismo, portanto, é a participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla (Costa, 2001a, p. 179).

A compreensão acerca do Protagonismo Juvenil e sua inserção enquanto ação educativa consiste na estruturação de espaços e de possibilidades de uma atuação participativa e consciente. Costa (2002, p. 32) situa “[...] a prática do protagonismo juvenil, enquanto prática e vivência da educação para a cidadania”. Essa produção articulada de saberes e práticas contribui na efetivação de uma estrutura vinculada a experiências democráticas.

Ao tornar o Protagonismo Juvenil um recurso centrado no(a) sujeito(a) em formação, o processo de aprendizagem se dá a partir da busca pela autonomia na condição enquanto sujeito(a) e ser social. Assim, é importante considerar o envolvimento coletivo em situações decisórias e de nas circunstâncias da vida humana como fator permanente e de caráter educativo.

Por essa razão, é de fundamental importância constituir a escola como um espaço de diálogo e construção coletiva que oportunize experiências autônomas, permitindo o(a) estudante traçar sua trajetória de aprendizagem, construindo experiências significativas de um potencial transformador. Portanto, percebê-lo como protagonista mediante o processo educativo, é redefinir a percepção agregada aos(as) estudantes em sua etapa de escolarização.

Ao referir-se a escola como espaço que assegura a vivência do protagonismo como estratégia significativa de aprendizagem, nos destina a descentralizar a concepção de escola como aquela que apenas dê acesso ao conhecimento, tomando por base o exercício da autonomia cidadã. Nesse contexto, Costa (2001b, p. 18) descreve que “trata-se de um método pedagógico que se baseia num conjunto de práticas e vivências que tem foco a criação de espaços e condições que propiciem ao adolescente empreender ele próprio a construção de seu ser em termos pessoais e sociais”.

O Protagonismo Juvenil, por intermédio de um espaço institucionalizado, acarreta para a Educação a oportunidade de elaborar práticas educativas em colaboração com a sociedade. A integração estabelecida entre as duas esferas reafirma a percepção da escola como uma continuidade social do contexto no qual está inserida. Nessa configuração de espaço coletivo de participação e autonomia dos agentes sociais, reconhece-se a pluralidade na perspectiva de atuação das singularidades imersas aos interesses de transformação social.

Diante do exposto, torna-se essencial salientar as contribuições do protagonismo como centralidade no processo de aprendizagem, em que se assemelham a busca histórica pela promoção de uma Educação emancipatória.

DISCUSSÃO

Ao compreender que a discussão acerca da Educação não se dá de forma isolada, aproximaremos as concepções acima refletidas como uma forma de tecitura histórica com o ímpeto de desvelar a intersubjetividade presente na busca pelo sentido transformador da Educação.

Com uma intensa influência no campo teórico acerca da Educação, a obra “Pedagogia do Oprimido” emerge de uma perspectiva de conflitos e lutas, como um resultado de suas experiências no exílio do Chile. Freire (2021b, p. 82) considera que

na concepção “bancária” que estamos criticando, para qual a educação é o ato de depositar, de transferir, de transmitir valores e conhecimentos, não se verifica

nem pode verificar-se esta superação. Pelo contrário, refletindo a sociedade opressora, sendo dimensão da “cultura do silêncio”, a “educação” “bancária” mantém e estimula a contradição.

A partir das ideias contidas na obra, a relação dialógica exprime a educação como instrumento de libertação e criticidade. Nesta tomada de consciência, o(a) sujeito(a) reconhece em si a capacidade de transformar a sua realidade.

Paulo Freire, não apenas denunciava a vertente de uma educação com estrutura vertical e opressora a serviço de interesses das classes dominantes, como também, anunciou uma visão crítica da realidade educativa historicamente predominada, na qual propõe ações como prática da liberdade, envolvendo os sujeitos implicados como parte do processo. Nessa conotação de ação consciente e luta pela libertação, o(a) sujeito(a) torna-se um elemento ativo na representação de experiência e transformação efetiva no contexto social, antes visto como instrumento de desvalor.

Em seguida, busca-se retomar a concepção do Protagonismo Juvenil como instrumento de atuação na elaboração de circunstâncias e espaços reais de participação e autonomia cidadã. Obtendo ênfase nos anos 90, o Protagonismo Juvenil, “em seu sentido atual, indica o ator principal, ou seja, o agente de uma ação, seja ele um jovem ou adulto, um ente da sociedade civil ou do estado, uma pessoa, um grupo, uma instituição ou movimento social” (Costa, 2000, p. 179).

Em nossa contemporaneidade, o Protagonismo Juvenil vem contribuindo de maneira relevante na compreensão de espaços com experiências democráticas. Relacionando-se de forma significativa com o desenvolvimento pessoal e social do(a) estudante, representa a busca pela autonomia em seu percurso de aprendizagem, participando de forma consciente das situações reais do ambiente social inserido.

Essas concepções de Educação proposta pelos autores descritos, demarca a reflexão a respeito de uma Educação atuante no compromisso social e de libertação consciente, na medida que transforma os saberes em componentes significativos de uma aprendizagem real, participativa e emancipatória.

Compondo uma perspectiva de Educação participativa e libertadora, as visões traduzem a tentativa de tornar a Educação um aspecto democrático que assiste todo e qualquer grupo social em seus diferentes contextos de luta e participação autônoma, como reconhecimento de direito enquanto ser social.

Na harmonia de conceber uma mudança na estrutura de uma educação verticalizada, as concepções evidenciadas, percebem a educação como elemento de transformação. Considerando os impactos decorrentes, as influências geradas na Educação nos contextos aqui apresentados, aponta-se a escola como um espaço visível de resignificação. Freire (2019, p. 71) em sua contribuição, reitera a necessidade de “mudar a cara da escola através dos princípios de autonomia, descentralização e participação, na direção de uma educação pública popular e democrática de boa qualidade”.

Isso significa dizer que a escola deverá representar um espaço destinado ao processo de aprendizagem e democratização dos saberes. Nessa ótica, “[...] o protagonismo juvenil é uma forma de reconhecer que a participação dos adolescentes pode gerar mudanças decisivas na realidade social, ambiental, cultural e política em que estão inseridos” (Costa; Vieira, 2006, p. 126).

Com base em uma construção histórica, parte-se da premissa de que encontra-se presente a existência da necessidade de repensar a Educação e sua função do ponto de vista social. As duas

concepções caminham de forma articulada ao identificar estratégias decisivas para um novo modo de Educação.

Verificado os aspectos afins, ambas as definições pontuam em seus discursos uma aprendizagem indissociada do interesse comum da conjuntura social a que pertencem. Refletindo, historicamente, nas mudanças explicitadas na Educação.

Torna-se imprescindível destacar a repercussão da obra “Pedagogia do Oprimido” e os seus posicionamentos que transcendem para os dias atuais. Desdobrando-se nas contribuições que contemplam a Educação, podemos assinalar que ideia de Paulo Freire se torna presente de maneira atemporal.

Perceber a influência das concepções de Freire (2021a; 2021b) em contextos que emergem nos dias atuais, nos convida a aprofundar a análise de que a “Pedagogia do Oprimido” já descrevia atuação do(a) sujeito(a) na Educação na mesma intencionalidade que sustenta o Protagonismo Juvenil. Contudo, esta concepção foi denominada como tal, posteriormente, de forma a atender as demandas do cenário atual.

Por fim, reafirma-se a importância da obra “Pedagogia do Oprimido”, intitulada como uma das obras de maior relevância escrita por Paulo Freire.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao caminhar às conclusões desse artigo, surgem ainda mais indagações acerca do diálogo desenvolvido, o que mostra a pertinência de estudos voltados a essa temática.

No que se aplica a relação da obra “Pedagogia do Oprimido”, com que fundamenta a definição do Protagonismo Juvenil, a Educação destaca-se como uma referência de luta histórica em transformação social, sendo essa, uma das mais possíveis e importantes ferramentas de impacto vigente em seu tempo.

Partindo de um princípio democrático da liberdade e autonomia sobre o sujeito, intensifica-se a partir das perspectivas apresentadas as redefinições destacadas em um novo formato de Educação. Assim, a correlação que buscou-se nesse estudo tornou perceptível a incumbência de adentrar o caráter educativo, obtendo como base uma atuação crítica e participativa no que refere-se às decisões de intervenção social.

Adota-se, então, uma estrutura de Educação horizontal, centrada na capacidade do(a) sujeito(a) perceber-se como parte do processo de aprendizagem e produção de saberes. Ao auferir impactos históricos, a essência da Educação predomina-se em experiências reais e ativas, de abrangência social como instrumento educativo.

Foi possível reconhecer ao longo desse artigo que a ideia que Freire (2021b) inferiu ao escrever a obra “Pedagogia do Oprimido” ascende socialmente conforme se faz presente nos discursos atuais de busca por uma Educação ativa. Firma-se, portanto, a percepção do anúncio em sua obra no que se refere à relevância de ações protagonicas.

Em síntese, os elementos que caracterizam o termo o qual é definido na atualidade como Protagonismo Juvenil, já eram evidenciados no que Freire (2021a; 2021b) denominava como prática da liberdade. Diante de tais considerações, afirma-se a presente influência do autor Paulo Freire na Educação contemporânea, tendo como ensejo o Protagonismo Juvenil. Temática essa a qual, possivelmente, estaria advindo dos ideais e escritos freireanos.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Liliane Barros. Educação e direitos humanos: pensando sua relação como possibilidade de emancipação. *Fragmentos de cultura*, Goiânia, vol. 27, n. 2, p. 234-243, 2017. <<https://doi.org/10.18224/frag.v27i2.5501>>.
- BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2010.
- BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Revisão sistemática sobre juventude e participação nos últimos 10 anos. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, vol. 18, n. 3, p. 411-423, 2009. <<https://doi.org/10.1590/S0104-12902009000300006>>.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é educação*. 42. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- CARVALHO, Maria João Cardoso de. A colonização da Escola pela racionalidade instrumental. *Revista Lusófona de Educação*, n. 54, p. 35-48, 2021. DOI: 10.24140.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. O adolescente como protagonista. In: BRASIL. *Cadernos, juventude, saúde e desenvolvimento*. Brasília: Ministério da Saúde, 1999.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. 2 ed. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *A presença da pedagogia: teoria e prática da ação socioeducativa*. 2ª ed. São Paulo: Global: Instituto Ayrton Sena, 2001a.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *O protagonismo juvenil passo a passo: um guia para o educador*. Belo Horizonte: Universidade, 2001b.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Programa cuidar: educação para valores*. Instituto Souza Cruz, 2002.
- COSTA, Antonio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. São Paulo: FTD, 2006.
- DIAS, Cassandra Eliane Figueirêdo. *Como seria se assim não fosse? O Teatro do Oprimido na Escola: perspectiva de uma proposta pedagógica transformadora*. 2023. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes em Rede Nacional - PROFARTES) - Centro de comunicação, turismo e artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.
- FARIAS, Enos André de; GENOVEZ, Eduardo Rodrigues; LIMA, Neuma Laíza da Silva; SILVA, Matheus Jhonas Bezerra da; SANTOS, Veronica Mariano dos. FARIAS, Uiara Ferreira Farias. “É preciso esperar...”: ensaio sobre a pedagogia da esperança de Paulo Freire: um (re)encontro com a pedagogia do oprimido. *Revista Jurídica Legalis Lux*, Belém do São Francisco, v. 5, n. 1, p. 7-16, 2023. Disponível em: <https://periodicosfacesf.com.br/index.php/Legalislux/article/view/406>. Acesso em: 7 jul. 2023.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 54ª ed. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.
- FREIRE, Paulo. *Direitos Humanos e Educação Libertadora: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo*. 1 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez; RAMALHO, Bárbara Bruna Moreira; CARVALHO, Paulo Felipe Lopes de. A educação como prática de liberdade: uma perspectiva decolonial sobre a escola. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 35, jan./dez. 2019. <https://doi.org/10.1590/0102-4698214079>.

Minayo, Maria Cecília de Souza. (Org). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2023.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 325-327.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 34, abr. 2007. <doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>.

Submetido: XX/XX/20XX

Preprint: XX/XX/20XX

Aprovado: XX/XX/20XX

Editor de seção:

DECLARAÇÃO SOBRE DISPONIBILIDADE DE DADOS

As autores informam ao periódico sobre a conformidade do manuscrito com as práticas de comunicação da Ciência Aberta.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Autora 1 – Conceitualização, Curadoria de dados, Análise formal, Investigação, Metodologia, Escrita: rascunho original, Escrita: revisão e edição.

Autora 2 - Curadoria de dados, Validação, Escrita: revisão e edição.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

DECLARAÇÃO DE USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Não houve uso de Inteligência Artificial na elaboração deste artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.